



*A Sr.ª D. Eugénia Manoel (Atalaia)*, gentil dama da Cruz Vermelha Portuguesa, que se encontra em França prestando valiosos serviços.  
(«Cliché» do Salão-Arte).

II SÉRIE—N.º 616

Lisboa, 10 de Dezembro de 1917

# Ilustração Portuguesa

PORTUGAL, COLÓNIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Assinatura Trimestre, 1\$45 ctv.—Semestre, 2\$90 cent.—Ano 5\$80 ctv. Número avulso, 12 centavos

Número avulso em todo o Brazil 700 réis.

Edição semanal do jornal

—O SÉCULO—

Director—J. J. da Silva Graça

Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.ª

Editor—José Joubert Chaves

Redacção, administração e oficinas: Rua do Século, 43—Lisboa

**Casamentos**  
**Atracção do bem**  
**INSTITUTO**  
**Electro-Magnético**

**M.elle ROLAND**

Vê claramente o PASSADO, PRESENTE E FUTURO e só trabalha na sua especialidade, de CASAMENTOS e AMORES MAL CORRISPONDIDOS.

NÃO RECEBE QUALQUER OUTRO TRABALHO, TODOS OS DIAS (incluindo domingos, das 11 às 8 h. n.

GRANDE variedade em Pós e Perfumes de atrair e em Pedras de atracção, próprias para adereços.

Todos estes preparados são *cientificamente analisados* por operador *diplomado* pelo Instituto Internacional de Psicologia e *teem a força de atrair a estima e o bem e de afastar o mal.*

**Avenida Almirante Reis, 119, 1.º**

(Frente)

**As melhores tinturas**

**para o cabelo**

Progressiva *A Flôr de Ouro* a \$700.  
 Instantanea *Albina* a 1\$800.  
 Instantanea *Radium* a 1\$400.  
 Para Louro a *Flôr de Ouro* franceza.  
 a 2\$000. Pelo correio é mai- 200 réis.

**CABELEIREIRA**

**Rua do Norte, 34, 1.º**

**CASA RUBI**

Telefone: Centrai 3851

*Iluminação, higiene e aquecimento.*

*Montagens e repa-ções.*

**120 — R. DOS RETROZEIROS — 122**

— LISBOA —

TELEPH. N.º 2638  
**PERFUMARIA**  
**ROSA D'OURO**  
 COLOSAL  
 SORTIMENTO  
 Rua do Oura, 261 JOAQUIM R. ALVES  
 LISBOA

**M. ME SANTOS E SILVA**  
**Espartilhos e Cintas**  
 POR MEDIDA  
**RUA GARRETT, 17, 2.º, E.**  
 — Telefone 4:294 —

**Crema Palmyra**

DE RESULTADO MUITO EFICAZ  
 Preparado de pureza garantida. Frasco: 4\$000 rs., 2\$500, 2\$000, 1\$500 e 800 rs.  
 Dep. geral: Calçada do Sacramento, 7, 2.º  
 Telefone 4.359 centr.

**PARA** as aves que voão com muita velocidade e que se elevam a grandes alturas precisa-se um cartucho potente e exacto.

Experimente o **Remington UMC**  
 Marca "**ARROW**"

Obtveis por intermédio dos principais commerciantes de todas as partes—catalogo em voador gratis a quem o solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company  
 Woolworth Bldg. Nova York, E.U. A., do N.

Peças nos calibres  
 8, 10, 12, 16, 20  
 24 e 28.



**REMINGTON UMC**

AGENTE EM PORTUGAL: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3—Lisboa

**PÕ DE ABYSSINIA EXIBARD**

*Sem Opio nem Morphina*

Muito eficaz contra a

**ASTHMA**

Catarrho — Oppressão e todas affecções espasmódicas das vias respiratorias.

36 Anos de Bem Exito. — Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C.º

6, Rue Dombasle, 6

PARIS

em BOAS PHARMACIAS

**DOENTES**

**A Moderna Therapeutica Magnetica**

Com o *auxilio dos meios FISICOS E REGIMEN NATURAIS*, especificados para cada caso e devidamente individualizados, constitue

**O tratamento mais racional e eficaz**

**PARA CURAR** as doenças de qualquer órgão: estomago, intestinos, figado, rins, coração, etc., ou vias urinaarias, respiratorias e circulatorias; hemorróidal, doenças da nutrição, nervosas, artriticas ou linfaticas, paralyticas ou irritativas *por graves e antigas que sejam*: assim o tenho affirmado na minha longa pratica no estrangeiro e presentemente comprovo pelas *curas* que aqui tenho realisado.

*Os que sofrem não devem, pois, hesitar, a submeter-se aos meus especiais tratamentos.*

**FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS**

De cujos favoraveis resultados *me respon'ab'iso*.  
 Dr. P. I. Coluccel, director do consultorio *magnetoterapico*. T. C. João Gonçalves, 20, 2.º E., ao ltuamente. Da 1 ás 5.

As

**Dores de cabeça e neurasthenia**

produzidas pela

**PRISÃO DE VENTRE**

curam-se, regularisando os intestinos com a

**LACTOSYMBIOSINA**

Não é purgativo. Enviar consulta detalhada ao

**LABORATORIO SANITAS—T. do Carmo, 1, 1.º, Lisboa**

## As nossas tropas expedicionarias



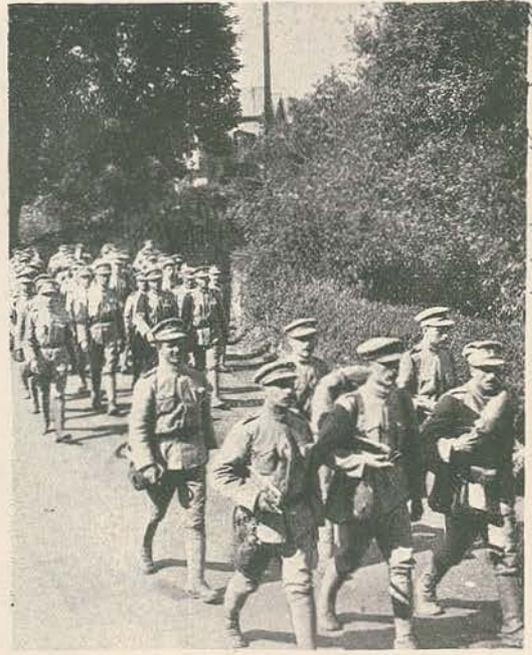
Sir Douglas Haig, comandante das tropas Inglezas que operam em França, conversando com o general sr. Tamagnini, comandante do corpo expedicionario portuguez.



Tropas portuguezas atravessando uma aldeia inglesa. — As aldeãs distribuindo fruta pelos nossos soldados.



Soldados do corpo d'artilharia pesada marchando para exercicios.



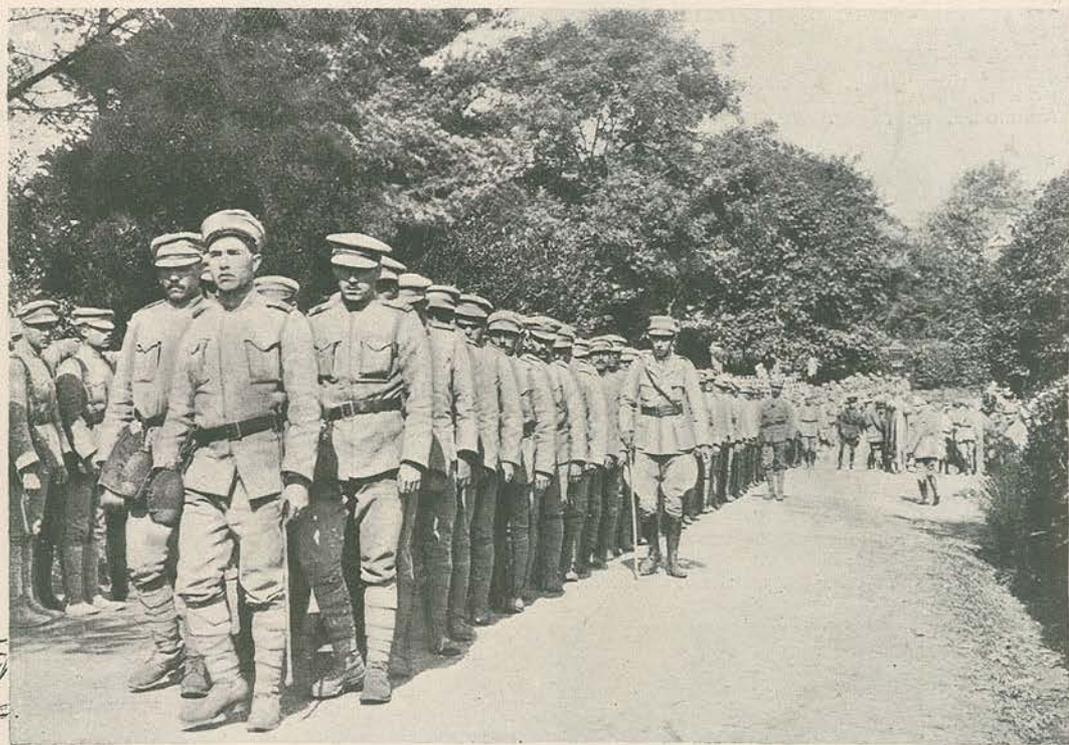
Uma grande força de soldados d'artilharia pesada atravessando uma povoação Inglesa. A' frente os corneteiros e clarins.



Um descanso n'uma estrada Inglesa.



Tropas portuguesas em Inglaterra. — Marchando para o campo de manobras.



Tropas portuguesas no momento da sua partida para o campo de manobras



1. Sr. Gustavo d' Andrade Pissara, major d' infantaria.—2. Sr. dr. Francisco Morgad, capitão-medico.—3. Sr. José M. Rodrigues, alferes do O. P. C.—4. Sr. A. Costa, alferes de metralhadoras.—5. Sr. Raul Antonio de Franca Doria, alferes de infantaria.—6. Sr. Alfredo da Cunha Nery, alferes do C. A. P.—7. Sr. Albino Gonçalves Folhadela, alferes do C. A. P. I.—8. Sr. Luiz Eduardo d' Almeida, alferes do C. A. P. I.—9. Sr. Luiz de Lacerda Nunes, alferes de infantaria.—10. Sr. Ciriaco José da Cunha, capitão de infantaria.—11. Sr. Nunes d'Oliveira, alferes d' infantaria.—12. Sr. Oscar Kol de Alvarenga, tenente d' infantaria.—13. Sr. João Pires da Silva, alferes de infantaria.—14. Sr. João de Deus Sobral, alferes de infantaria.—15. Sr. Antonio Carneiro Franco, alferes de infantaria.—16. Sr. José da Silva Dias, alferes de artilharia.—17. Sr. Alvaro da Costa Rosado, alferes de artilharia.—18. Sr. A. C. Machado, alferes de infantaria.—19. Sr. Cor-



nelio Dias, alferes de infantaria.—20. Sr. Vitor C. Braga, alferes de infantaria.—21. Sr. Martiniano H. de Figueiredo, tenente da A. M.—

ros ligeiros. Sentado o comandante, capitão sr. Virgilio D. Simões. De pé, da esquerda para a direita,

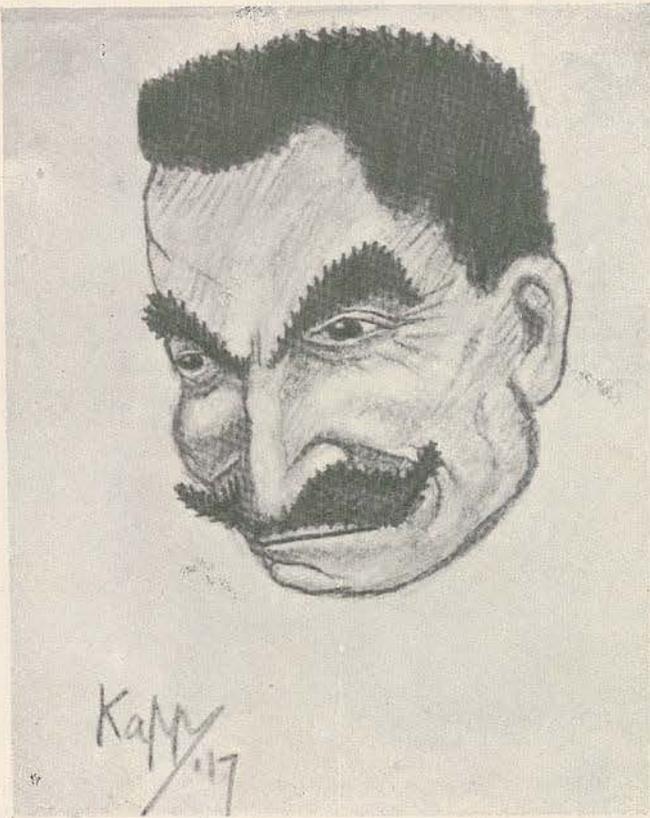


os alferes srs. Armelim C. M. Diniz, Luiz C. L. Nunes e Joaquim S. Alberto. 23. Sr. Afonso do Paço, alferes de M. P.—24. Manuel Torres, 2.º sargento de infantaria.—25. Antonio A. Diniz, 2.º sargento de infantaria.—26. José Gomes, 2.º sargento de infantaria.—27. Virgílio F. Gil, 2.º sargento do C. A. P.—28. Americo F. da Silva, 2.º sargento do C. A. P., ex-empregado nos escritorios d' Seculo.—29. José M. F. Delgado, 2.º sargento de infantaria.—30. Gabriel C. Coelho, 2.º sargento do C. A. P.—31. Carlos d' Almeida, 2.º sargento de infantaria.—32. José A. Correia, 2.º sargento de infantaria.—33. Joaquim J. d' Araujo, 2.º sargento de infantaria.—34. Antonio F. Paes, 2.º sargento de infantaria.—35. Cesar P. Segurad, 2.º sargento de infantaria.—35-A. Arnaldo Sequeira, 2.º sargento enfermeiro.—36. Francisco Alves Ribeiro, 2.º sargento de infantaria.—37. João T. d'Oliveira, 2.º sargento do



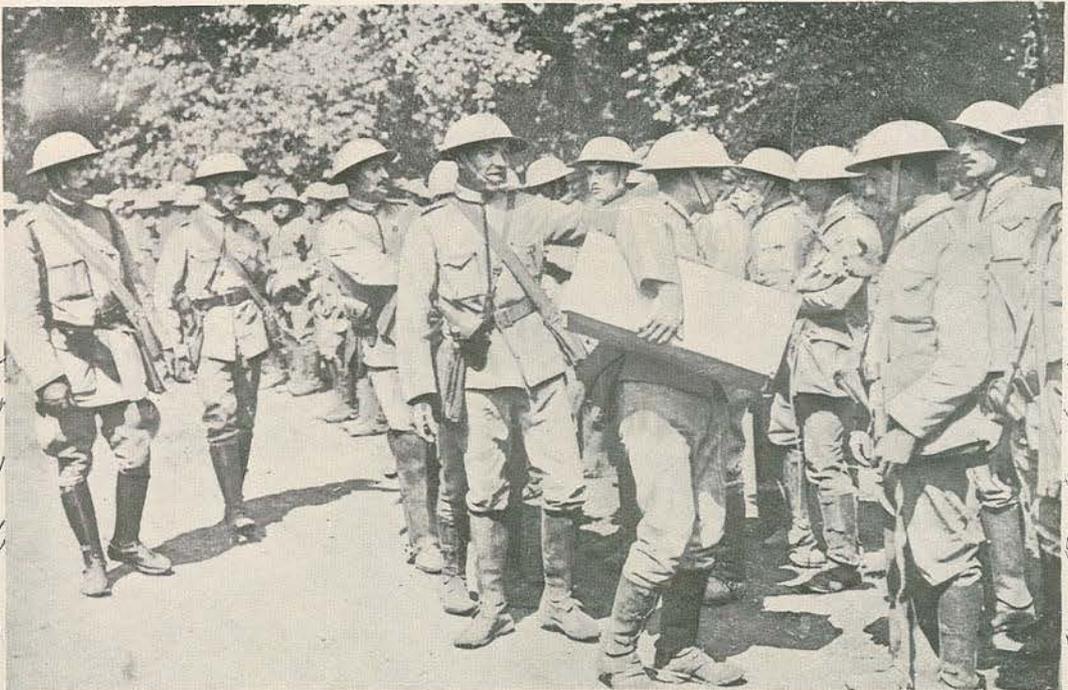
C. A. P.—38. Joaquim G. da Silva, 1.º sargento de artilharia.—39. Manuel J. da Silva, 2.º sargento de infantaria.—40. Antonio A. Coelho, 2.º sargento de infantaria.—41. Belisario Augusto, 2.º sargento de infantaria.—42. Sargento de cavalaria Soares.

## Uma interessante caricatura



O tenente Kapp, adido ao estado maior britânico em França, é um oficial muito distinto e ilustrado, cativando todos pelo seu fino trato. É ele que faz serviço junto dos correspondentes de guerra, entre os quaes goza de vivas simpatias.

O tenente Kapp tem um talento privilegiado de caricaturista. Trabalha com admirável rapidez e o seu lapis vinca, como poucos, a mais difícil fisionomia em meia dúzia de traços firmes, característicos. Possui um interessante album com todas as caricaturas do pessoal da imprensa dos aliados nas linhas de batalha. N'esse album também figura a do correspondente de guerra do *Seculo*, sr. Almada Negreiros, que reproduzimos ao lado e que é uma obra prima no seu genero.



Nô quartel general do Corpo Expedicionario Portuguez.—Distribuição do rancho

(«Cliché» da secção fotografica do exercito portuguez).

## Agasalhos para os nossos soldados



A distinta atriz sr.<sup>ta</sup> D. Maria Matos + e seu esposo o sr. Mendonça de Carvalho, empresários do Ginasio, acompanhados de todas as atrizes do mesmo teatro que andam empenhadas em fazer os agasalhos para os nossos soldados, vendo-se sentada no chão a gentil menina Maria Helena, filha dos dois grandes artistas. «Cliché» do distinto fotografo J. Fernandes).

**J**INTERESSANTE e gentilissimo o gesto da empreza do teatro do Ginasio em prol da obra de *O Seculo*, na sua campanha a favor dos soldados mobilizados. Maria Matos, a eminente atriz, *doublée* de um coração de mulher, de mãe e de esposa amantissimas, n'um rasgo de altruismo que a enobrece mais ainda e melhor faz avultar o seu grande nome de artista, secundada por seu marido, o distintissimo ator Mendonça de Carvalho, solicitou das atrizes, suas colaboradoras no elegante teatro, o seu auxilio para uma idéa que tem tanto de simpatica, como de humanitaria e patriótica. Ouvida com aprazimento, desde então o grupo feminino da sua companhia tem, nas horas vagas, trabalhado afincadamente na manufatura de *cache-cols*, cuja primeira remessa acaba de ser entregue ao *Seculo*, a fim de seguir para França.

O nobilissimo exemplo das senhoras artistas do Ginasio se tem tido, como o havemos registado, muitas imitadoras, carece que se espalhe mais ainda, para que os nossos soldados sintam bem nas trincheiras, nas zonas

frias onde permanecem e onde lutam e pelem pela Patria, que corações de senhoras batem por eles e mãos de patricias trabalham para si.

A *Ilustração Portuguesa*, querendo prestar a sua homenagem aos dois illustres artistas-emprezarios e ás galantes atrizes suas escrituradas, publica o grupo das mesmas, não só porque o seu gesto calará fundo na alma de todos os portuguezes, como tambem porque ele representa um grande, um enorme exemplo a seguir.

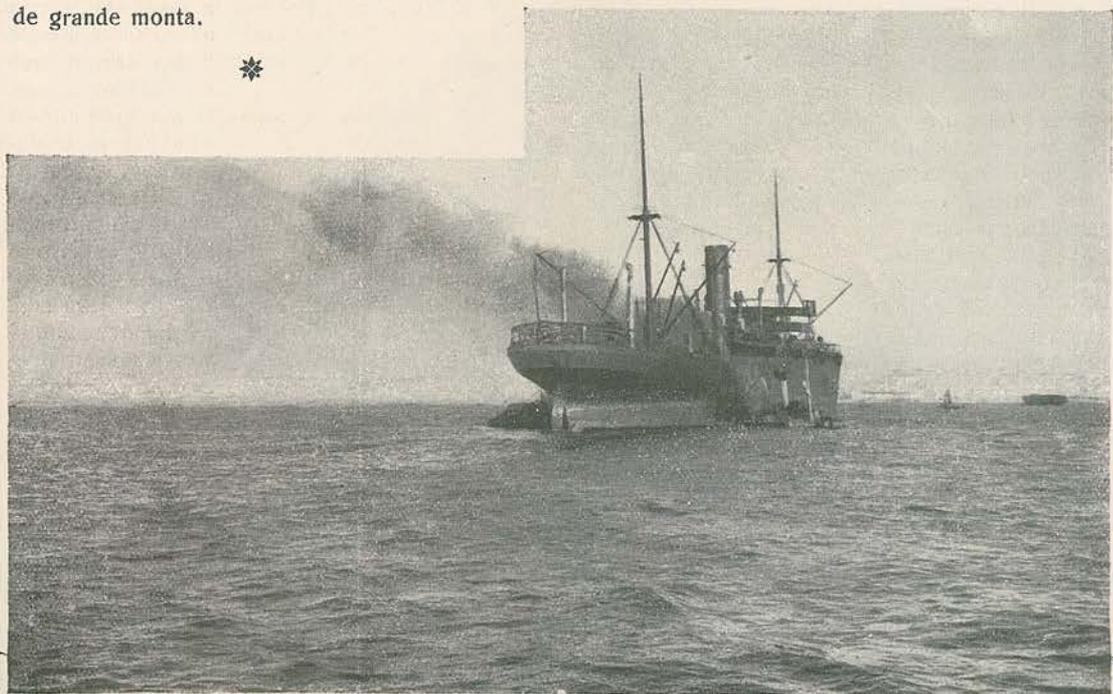


## INCENDIO A BORDO



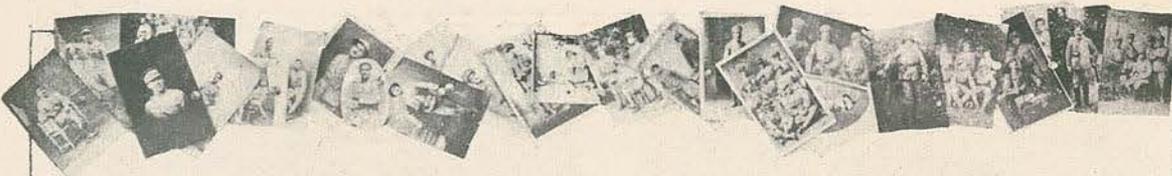
Por imprevidencia de um carregador, que entrou com um fosforo aceso n'um dos porões onde se armazenava agua-raz e outros produtos de facil explosão, houve a bordo do vapor *Gaza*, ex-alemão, surto no Tejo, um valente incendio que, só a muito custo, conseguiu ser dominado. O vapor estava recebendo carga composta de agua-raz, oleo de palma, cacau e conservas com destino a França. Felizmente, devido á pericia e energia dos bombeiros e outras pessoas que acudiram, os prejuizos não foram de grande monta.

O *Gaza* ao declarar-se o incendio



O *Gaza* na occasião em que começou o ataque ao incendio

(«Clichés» do distinto amador e obsequioso colaborador da *Illustração Portuguesa* sr. Henrique Izidro).



## Os retratos dos soldados

Os senhores teem folheado vagarosamente as paginas da *Ilustração*, onde veem os retratos dos nossos soldados? Eu faço-o todas as semanas com um grande recolhimento, procurando lêr sempre nas suas expressões o que lhes vai n'alma. E em boa verdade lhes digo que esse demorado exame me reconforta, porque me deixa sempre convencido de que não haverá no mundo ninguém mais valente, nem mais leal. Os retratos que a *Ilustração* tem arquivado nas suas paginas pertencem a soldados de todos os regimentos e, por conseguinte, a filhos de todas as regiões: trasmontanos bisonhos, de hombros largos e de olhar suave; algarvios de rosto energético, fitando-nos com firmeza, como se para além do horizonte prescruassem ainda a chegada das caravelas; beirões sonhadores, e minhotos alegres; os homens do Vouga e os homens do Tejo, de que nos fala Garrett; os romeiros da Agonia e os do Senhor da Pedra, toda a gente nova de Portugal, de norte a sul e de leste a oeste.

Pois em todos os olhares ha a mesma decisão e o mesmo enlevo; em todos eles palpita a mesma ansiedade e esvoaça o mesmo sonho — a decisão inabalavel de lutar, de vencer ou morrer, de erguer bem alto, onde ninguém lhe chegue, o nome da sua terra; o sonho que alimentam, e que se realizará, de merecerem no regresso o premio de um beijo d'aqueles que cá ficaram.

Esses retratos são tirados já longe da Patria — na Africa ou na França, não importa, que em toda a parte a patria se defende, quando os barbaros a ameaçam; e d'aí o seu interesse, porque reproduzem flagrantemente o estado d'alma dos que partiram.

Gente nova de Portugal, como havia de partir senão cantando? Levam as guitarras consigo — as mesmas que assistiram á derrota de Alcacer, mas d'esta vez, nos campos da Flandres, hão-de vibrar nas suas cordas o hino sacrosanto da vitoria.

De quando em quando surge entre eles um rosto feminino — portuguezinha gentil que vae iniciar o seu noivado, sendo madrinha de guerra. Póde ela ser alegre ou vaidosa, mas ali, entre os retratos dos soldados, parece que o seu olhar é mais doce e que o seu rosto é mais grave, como que a dizer-nos que conhece a sua missão e se propõe desempenhal-a nobremente até ao fim.

Nas horas de enervamento das trincheiras, quando a saudade evoca alegrias idas, é d'elas sempre que os soldados se lembram, porque só e'as sabem traduzir nas suas cartas as expressões que alentam e acarinham. Por isso o exame a que me referi tem para mim um duplo encanto — vive n'ele a grandeza de Portugal e sinto bater perto de aqueles corações o coração das mulheres da minha terra.

Mario Salgueiro.

# A GUERRA



General Diaz, novo comandante em chefe do exercito Italiano.



General Foch, representante do exercito francez no «Grande Conselho de Guerra dos Allados».



General Cadorna, representante do exercito italiano no «Grande Conselho de Guerra dos Allados».



General Wilson, representante do exercito Inglez no «Grande Conselho de Guerra dos Allados».

**Na frente italiana.** — Mais um rompante alemão fracassou em fins do mez passado. Quando os imperios centraes coligados Invadiram a Italia, graças mais aos manejos que essa gente emprega, do que ao esforço das suas tropas, houve ainda quem imaginasse não haver dique que se lhe opozesse. A velha nação latina ficaria recalçada e eles entrariam depois pelo sul da França!

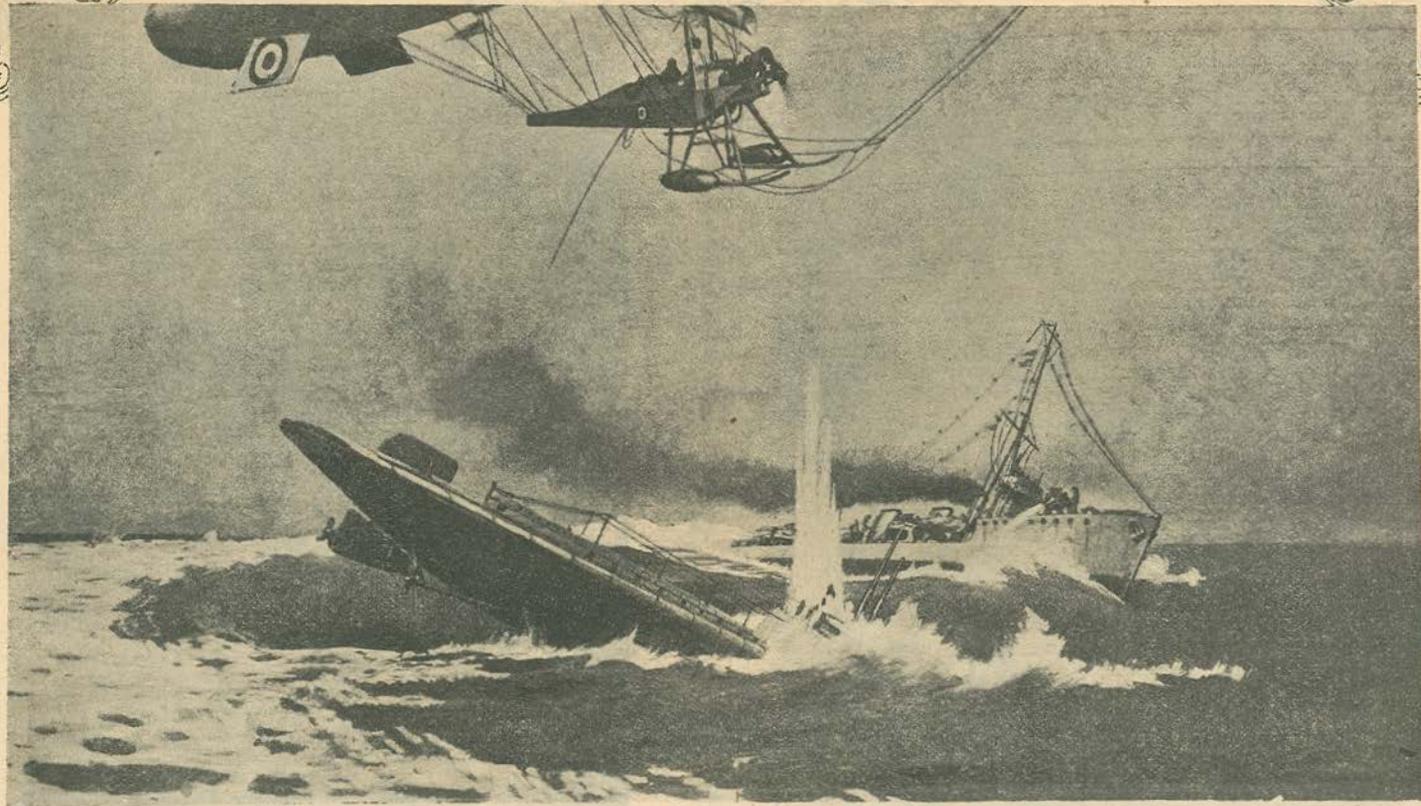
Afinal, vejam no que deu essa louca

arremetida. Tão depressa se pôde organizar uma defeza com a poderosa intervenção dos aliados, não se deteve apenas a onda, fez-se refluir-a, quebrando-lhes os impetos para, talvez, não se reerguer tão cedo ameaçadora. O invasor está sentindo bem as consequencias da sua temeridade. E' ele proprio o primeiro a confessar os entraves que encontrou e os revezes que já tem experimentado.



**Um acidente curioso.**—E bem curiosa que é a posição em que ficou, como se vê por esta gravura, um autocarro de serviço na linha italiana. Na sua marcha vertiginosa, sem go-

verno, o que o salvou de não se precipitar no fundo de um abismo, foi uma das rodas ter esbarrado n'uma saliência da rocha, ficando o carro suspenso sobre esse abismo.

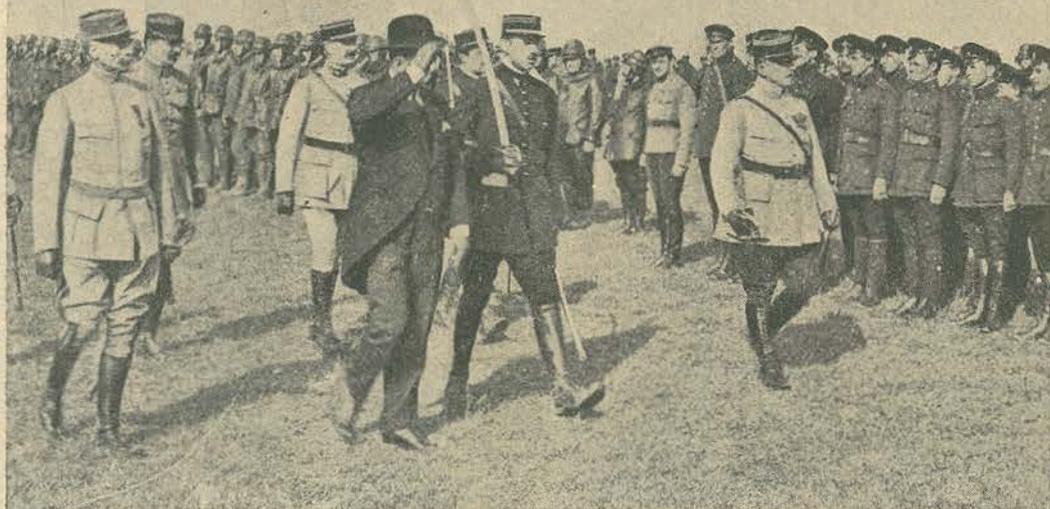


Um submarino bombardeado com o auxilio de um dirigivel

Bastante razão teve sir Eric Geddes, primeiro lord do almirantado, afirmando que os alemães já tinham perdido 40 a 50 por cento dos seus submarinos e que a guerra por mar ia sensivelmente afrouxando. Os pequenos dirigiveis destinados á vigilancia das costas inglezas não tem pouco contribuido para esse exterminio. Um dirigivel, como se vê por esta gravura, tendo avistado um submarino, foi avi-

sar um *destroyer*. Este correu logo ao local, guiado pela aeronave, e alveja a torre do inimigo que não tarda a afundar-se.

O caminho que os dirigiveis costeiros percorrem durante um mez em volta de Inglaterra equivale a mais de cinco vezes o globo terrestre. Quer dizer o giro que eles fazem n'um periodo de 30 dias equivale a 200:000 kilometros.



Em Meurthe-et-Moselle. — Cerimónia em homenagem à memória do capitão aviador Guynemer. O cortejo passando deante dos pilotos russos.



Uma oficina franceza de faianças. — Um forno de cosedura («Clichés» da secção fotografica de exercito francez).



**A batalha da estrada de Menin.**  
— Mostra esta fotografia um aspéto das tropas inglesas da região do norte, prontas a avançar á primeira voz. Foram elas

que ajudaram com singular valor a conquistar Valdhock e já se encontram dispostas em entrar novamente em fogo, conseguindo mais um novo triunfo.



Mais tropas inglesas esperando a ocasião de recommençar o ataque

«A natureza é a fonte de toda a beleza e o artista que soube aproximar-se d'ela transmite apenas o que ela lhe revelou». Este pensamento do grande estatuário que morreu esta manhã na sua vivenda encantadora de Meudon entre os marmores, os gessos e os bronzes que ele animava com o poder supremo do seu genio e as arvores que eram o enlevo dos seus olhos que sabiam contemplar como nenhuns outros a obra de Deus, define, como melhor não soubera fazê-lo o mais arguto dos criticos, a sua arte admiravel.

Não sei, minha Senhora, se V. Ex.<sup>a</sup> conhece bem a obra de Rodin e a admira como ela deve ser admirada. Se um dia lhe mostraram, n'um recanto de exposição ou reproduzido n'uma pagina de revista, um pedaço de marmore representando um tronco humano, sem braços, sem pernas e sem cabeça e lhe disseram: «E' assim que trabalha Rodin; isso que aí vê é uma obra-prima», é de crer que V. Ex.<sup>a</sup> tenha sorrido e no seu intimo se haja recusado a admirar. E' natural, é desculpavel. N'esse pedaço de corpo havia sem duvida maravilhas de compreensão, pormenores inestimaveis; mas para bem aprender n'uma coisa d'essas o processo do Mestre, seria preciso ter visto antes, de preferencia n'uma exposição exclusivamente composta de trabalhos seus como algumas se teem realizado e como ainda ha dias uma foi inaugurada em Paris, um aspéto de conjunto da sua obra. Vendo-a assim, essa obra aparece-nos sem esforço em toda a sua clareza e em toda a sua força de expressão incomparavel. Ela é d'uma unidade perfeita. E nunca, minha Senhora, depois do divino Miguel Angelo se fez dizer tanto e tão belas coisas ao marmore e ao bronze como n'essa obra que ficará pertencendo pelos seculos fóra ao patrimonio da arte e da humanidade.

Octave Mirbeau escreveu um dia, precisamente falando de Rodin, que, para julgarmos as obras da



Rodin (fotografia feita em 1914, no Jardim do Hotel Birot).



«Primavera», um dos mais belos marmores de Rodin.

arte contemporanea e compenetrarmo-nos bem do que, para além das modas e das predilicções passageiras, elas devem, afim de ser duraveis, conter d'eternidade, um criterio existe, infalivel: o da comparação d'essas obras com as do passado. Poucos trabalhos dos artistas do nosso tempo resistem a essa prova terrivel; mas entre esses poucos contemos sem hesitar os de Rodin. Esses antigos, ele-proprio, o inovador, o revolucionario como alguns se compraziam em chamal-o, admirava-as com um fervôr de fanatismo. As palavras que ele um dia consagrou á Venus de Milo são um hino á Beleza, cheio d'ardôr, d'entusiasmo e de fé. Os homens que ele modelava eram rudes, musculosos ao excesso, de mãos grossas e asperas como são de resto as do *David*, de Miguel Angelo, de Florença. Mas em compensação as suas mulheres, as suas creanças são creaturas de graça, d'um encanto delicioso e fragil, encanto cuja fragilidade—*hélas!*— ele proprio comentou com aspereza e com genio na estatua de *Celle qui fut la belle Heaulmière*. Essa estatua aconselha-a, minha senhora, a que a não veja: é das coisas mais belas, mais poderosas, mas... mais implacaveis que se teem feito em arte. E' uma obra d'audacia e de verdade, mas é tambem, e sobretudo, uma estatua feroz. Não, minha senhora,

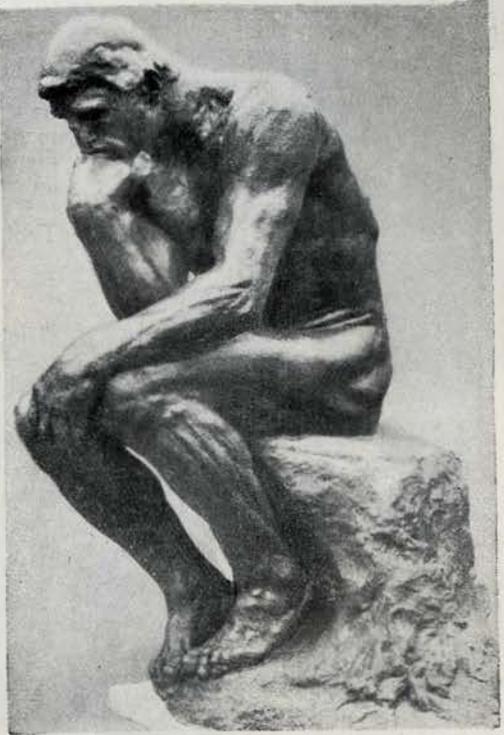
é preciso não vêr a que foi *la belle Heaulmière* e que «pensa, cansada, no bom tempo d'outr'ora»,



«O que foi a Bela Heaulmière».

como diz o verso de François Villon. E' uma formidável lição d'humildade que nenhuma mulher receberá sem dôr.

Mas o discípulo do amavel Carrier-Belleuse nunca deixou de confessar uma admiração cheia de ternura pelo seculo XVIII e nunca se esquivou na sua arte ás obrigações que uma tal admiração lhe impunha. Dir-me-hão que a *terre cuite* «*Gene femme et enfant*», tão graciosa, tão fina, é uma obra de mocidade que pouco depõe sobre a maneira definitiva do artista. Mas o gru-



«O pensador», uma das mais celebres estatuas de Rodin.

po dos dois irmãos? e o *Reveil*? e Francesca de Rimini e Paolo na tormenta? *L'amour et Psyché*? *L'aveil de la femme*? *Eva*? *Le baiser*? Quanta pura beleza em tudo isso? quanta graça! quanto amor!

Eu sei que *L'homme qui marche* do Palacio Farnese, e os seus marmores decepados e mutilados (se mutilada se pode dizer) ainda encontram detratores. O proprio Rodin não podia, porém, querer mal a esses que tamanha relutancia mostravam em compreendê-lo. Porque um dia falando a mr. Paul Gsell do genio de Rembrandt, ele-mesmo disse estas palavras profundas que se poderiam hoje aplicar integralmente á sua propria obra:

«— Sem duvida, essa gente pensa que o compreende. Juntam-se as mãos contemplando as suas obras porque elas ocupam os logares d'honra nos museus e as erguem ás nuvens os criticos mais famosos. Ha quem as pague por um milhão porque estão na moda e porque tem a esperança de as revender ainda mais caro. Mas que um admiravel Rembrandt sem assinatura saia de subito da poeira d'um sótão e esses mesmos encolherão os hombros. — E' uma garabulha! dirão. Outr'ora um dos seus quadros reapareceu á luz assim de repente. Era um David que procurava acalmar com os sons da sua harpa a demencia do rei Satil. O pobre doido coroadado afastava lentamente, um reposteiro em que se envolvera. A' medida que a melodia se elevava,



Rodin examinando uma estatueta.

ela dissipava a noite que escurecia a sua consciencia. Nada mais pungente. Pois bem! essa maravilha incomparavel foi oferecida por um preço irrisorio a varios museus da Europa. Recusaram-na. Um conhecedor holandez viu-a, ficou maravilhado e empenhou-se a defendê-la contra o desprezo geral. A sua convicção acabou por convencer os seus compatriotas. Que David é agora o orgulho do museu da Haia. E isso prova que é preciso quasi genio para admitir o genio, para o amar, direi mesmo, para lhe perdoar. Não; repare bem: o que produz um Rembrandt no termo da sua carreira desagrada necessariamente ao publico. E' demasiado simples, demasiado belo. Um tal mestre sente-se tão possuido pela verdade que descuida tudo o que não serve para a traduzir. Quando, pela luz derramada sobre uma frente pensativa ele re velou a pro-



Fachada do Hotel Biron, onde está instalado o Museu Rodin, em Paris.



Rodin aos 19 anos (retrato a crayon feito por ele proprio).

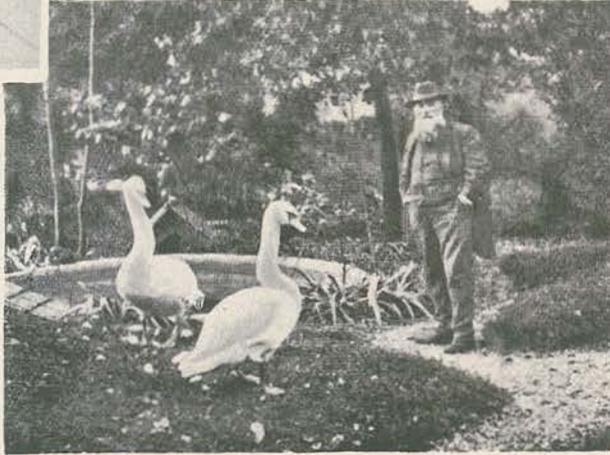
fundeza d'uma alma, não pensa em divertir-se reproduzindo os cabelos um a um. Quando, curvando um dorso, exprimiu a santidade d'um coração que se resigna, disse tudo quanto tinha a dizer e poderá bem saber depois a execução d'umas roupas. Mas então o vulgar, guloso d'anedotas pueris e de bagatelas reproduzidas com minucia, julga que o grande artista já não sabe o seu officio. E Rembrandt envelhece, desdenhado por todos: está na ordem das coisas».

Rodin não envelheceu desdenhado por todos, porque ele proprio lutou, e tenazmente, para se impôr. Mas com quantas reservas alguns ainda o admiram! Quantos ousam ainda, como ha pouco se viu em pleno Parlamento, vangloriar-se da sua incompreensão! Deixe-me com tudo confessar-lhe que tudo quanto Rodin diz de Rembrandt é justo, mas que taes teorias contam com o genio e só a ele sem perigo se

aplicam. A' sombra d'elas teem-se feito surgir extravagancias lamentaveis. Abstenhamo-nos pois de generalisar; não tentemos os pequenos mostrando-lhes o caminho das altas cumiadas. Por causa da vertigem..

Esta carta, minha Senhora, parecer-lhe-ha um pouco descosida. Tenho-a escrito sem plano, á mercê das impressões que me sugere a

evoção da obra extraordinaria d'esse grandissimo artista agora morto. Esta hora não é, de resto, a dos julgamentos equilibrados e profundos; é a hora da saudade. Rodin será sepultado em Meudon, na propriedade que ele legou ao Estado perto das suas colêções e das suas obras. A essas colêções se applica bem uma frase colhida n'um dos cadernos



Rodin no seu Jardim de Meudon em 1906



Busto d'Henri Rochefort, por Rodin.

d'apontamentos do Mestre: «Por toda a parte obras primas de diferentes épocas. Mas tudo formando um conjunto e tudo ligado entre si pelo mesmo amor.»

Beijo-lhe as mãos.

Paris, 17 de Novembro.

Paulo Psorio.

(«Clichés» Bulloz, Dornac, Druet e Vizzavona).



Um aspêto do Museu Rodin, em Meudon

## A caçada do gorila

A caça ao gorila é, como aliás todas as outras, abundante em emoções e peripecias interessantes, não lhe faltando também surpresas e alvoroços que constituem a sua melhor atração.

Se bem que não seja o gorila um animal dos mais perigosos, pois tem sido, por vezes, exagerada a sua ferocidade e bestialidade, é todavia para temer a sua



Um interessante exemplar de gorila (macho) morto em Nola (Congo Belga).



Um gorila (femea) morto na caçada



Outro exemplar de gorila

colossal força e sagacidade, tanto mais que, quando se vê atacado, se defende com uma inexcedível energia, digna de ponderação e que exige dos amadores d'esta diversão — cujo numero não é diminuto — o mesmo denodo, arrojo e sangue frio como se tratasse realmente d'um dos animais mais ferozes.

O gorila, um dos maiores macacos, encontra-se espalhado pelas florestas húmidas e impenetráveis das regiões ocidentaes da Africa Equatorial o que tem contribuido vantajosamente para que desde remotos tempos tenha sido objecto de lendas extraordinarias, que

tendem, todavia, a desaparecer, o que — seja-nos permitido acreditar — talvez, por ironia, corresponda ao aniquilamento completo d'esta especie de mamíferos, dados os formidaveis massacres de que tem sido vítimas.

O gorila é o exemplar da especie animal mais admirado pelo homem, figurando em todos os jardins de aclimação que existem nas principaes capitães. Comquanto se resinta da mudança de temperatura, adapta-se com relativa facilidade aos climas temperados quando tratado cuidadosamente.



Cabeça e braço de gorila

## Algumas palavras

### sobre Esperanto



Sr. dr. Lulz L. Zamenhof, autor da lingua auxiliar «Esperanto».

**Q**UANDO em Junho de 1887 o dr. Zamenhof deu á publicidade o projeto da lingua universal de que era autor, as opiniões mais extraordinarias appareceram a combatel-o.

Zamenhof dedicou-se desde a infancia, contra vontade paterna, ao estudo de todos os idiomas e conseguiu crear um idioma artificial cujo principal caracter é o seu maior grau de internacionalidade, o seu maior merito. Em Esperanto não ha elementos inventados pelo seu autor, mas os que procedem do caudal inesgotavel dos vocabulos que são herança e propriedade comum de todos os povos cultos.

A unificação dos diferentes idiomas faz-se com extrema lentidão, na evolução de milhares de seculos, enquanto a evolução mental individual é rapida em relação á mentalidade coletiva.

E como essa corrente de unificação existe, pela tendencia inconsciente dos povos civilizados, tanto no dominio linguistico, como no dominio social, o Esperanto nascido d'essa tendencia serve para acelerar esse movimento, e, aumentado até com a atual guerra, está destinado a ser um dos fatores que mais poderosamente contribuirá para estreitar os laços da so-

lidariedade que deve munir os povos entre si.

O seu vocabulario composto de certo numero de raizes, comuns á maior parte dos idiomas principaes, terminações e afixos que combinados com as raizes, chegam as expressões de tal matiz, impossiveis de traduzir nos outros idiomas sem ser pelo artificio de complicadas perifrases.

Consideremos os substantivos:

*Telegraf'o* e *am'o* de raiz bem conhecida e invariavel e a terminação *o* propria dos substantivos.

Teoricamente de todo o substantivo deriva um adjetivo e assim, em Esperanto, mudando o *o* em *a*, teremos *telegrafa* e *ama*. Mudando em *e* a terminação *a* obtemos os adverbios correspondentes *telegrafe* *ame*. E a cada adjetivo e adverbio corresponde um verbo e este no infinito termina em *je* assim: *telegrafi ami*.

Por outros termos o substantivo, adjetivo, adverbio e verbo derivam da mesma raiz, modificada pela característica final.

Dada a raiz *Komerc'* que representa a ideia geral do negocio, os varios modos d'esta ideia são expressos por *komerco*—*komerca*—



Sr. Jorge Saldanha Carreira, secretario da «Lisbona Esperantista Societo».

*komerce* e *komerci*.

O alfabeto consta de vinte e oito letras, cuja pronuncia não está sujeita a irregularidades nem excções e assim todos dão a cada letra um só e unico valor fonetico.



Comissão organisadora do sarau em homenagem ao dr. Lulz L. Zamenhof, promovida pelas srs.<sup>as</sup> D. Etelvina Silva e D. Adelaide Ferreira de Carvalho e pelos srs. Carlos Carreira e Silva, Adelino de Carvalho, Eduardo de Oliveira Marques, Arlindo Lino e Lulz Ernani Dias Amado, da Lisbona Esperantista Societo.

## FIGURAS E FACTOS

**Gaspar Teles.**—Foi durante muito tempo desenhador do *Seculo* e da *Ilustração Portuguesa*. Todos os leitores ainda se lembram de belas paginas do seu lapis talentoso, que tão bem tratava os assuntos graves como os jocosos. Gaspar Teles era, além de um verdadeiro artista, um character de eleição, que o tornava estimadissimo dos seus superiores e dos seus colegas



Sr. Gaspar Teles

Teve um dia a idéa de ir tentar fortuna para o Brazil, esse paiz novo que tão largo e hospitaleiro campo oferece a todas as atividades e vocações. E ninguém o pôde deter; lá partiu. A fortuna chegou a sorrir-lhe, porque ele era habil e trabalhador; mas, quando menos ele pensava, a morte apagou-lhe inexoravelmente esse sorriso.

Pobre Teles!



Os membros da missão intelectual ao Brazil, composta dos srs. dr. Alexandre Braga, Fausto Guedes Teixeira, capitão de fragata Judice Bicker, Augusto Gil, Marcelino Mesquita, Bessa de Carvalho e tenente-coronel Mario de Campos, antes do seu embarque para bordo, recebendo os cumprimentos de despedida do representante do presidente da Republica, do embaixador do Brazil e dos ministros da guerra, interior e instrução.—(Cliché Benolle).



A distinta professora sr.<sup>a</sup> D. Leonor Augusta Matias e algumas das suas discipulas que promoveram uma interessante exposição de bordados e arte aplicada.—No medalhão a sr.<sup>a</sup> D. Leonor Augusta Matias.

(«Clichés» do distinto fotografo sr. J. Fernandes).

# Morfêa

A cura d'este terrível mal obtem-se com a

## Dermalina LAXATIVA

(REGISTADO)

Numerosos atestados o comprovam.

Unicos depositarios: **Netto, Natividade & C.ª L.ª**

Grande deposito de productos farmaceuticos. Secções de revenda e de retalho.

Fraça de D. Pedro (Rocio), n.ºs 121 e 122  
Rua da Betesga, n.ºs 28, 30 e 32 **LISBOA**

# LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em comunicação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excções e uma d'elas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter sofrido durante bastantes anos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu-se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação veiu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só poudo curar-se a s proprio completamente, assim como a sua descoberta foi provada em todas as classes de hernias com o malorresultado, pois ficaram totalmente curadas. Talvez que V. S.ª já tenha lido nos jornaes algum artigo acerca d'esta maravilhosa cura. Que V. S.ª tenha já lido ou não, é o mesmo, mas em todo caso certamente que se alegrará de saber que o descobridor de esta cura



Cure V. S.ª a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como ele e centenaes de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura efetua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupaões ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alvio—de modo que as fundas não se tornam necessarias, o risco de uma operaço cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sã como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que sofram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remetem sem despeza alguma e confia-se que todos que d'ela necessitem se aproveitarão d'esta generosa oferta. E' sufficiente encher o coupon incluso e enviar-o pelo correto à direcção indicada

### COUPON PARA PROVA GRATUITA.

WILLIAM RICE (S 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.

Nome.....  
Endereço.....

# Academia Cientifica de Beleza

AVENIDA DA LIBERDADE, 23

LISBOA Telefone: 3647



Directora: **Madame CAMPOS**. Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra, Diplomada com frequencia em massagem MEDICA, ESTETICA, PEDICURE, MANICURE, e tinctura dos cabelos, pela Escola Francaza de Massagem. Ex-massagista assistente do Hotel Dieu de Paris. Antiga professora diplomada inscripta e premiada em diferentes cadeiras. Quimica - perfumista socia efetiva de diferentes Sociedades scientificas, etc.

Tratamento pelos diferentes processos de maçoterapia, eletroterapia e meca-noterapia. MAÇAGEM MEDICA E ESTETICA. CURA DA OBESIDADE: reduço parcial da gordura.

Tratamento das rugas pela electricidade. Tratamento da pele, manchas, pontos negros, sinas de boxigas, sardas, etc. Desenvolvimento e enrijamento dos seios. Processo absolutamente novo. Resultados sorprendentes com tres tratamentos e informaçoes de senhoras que já fizeram esse tratamento. Para as ex-clientes da provincia tratamento especial por correspondencia.

Método de evitar que os cabelos embranqueçam. Tintura dos cabelos em todas as cores, com a duração de 2 anos.

Lavagem dos cabelos com secagem electrica a 30 centavos. Aparelhos, perfumes e produtos de beleza das melhores casas de Paris. Respostas mediante estampilha.

Trabalhos tipograficos  
Rua do Sepulcro, 43 — LISBOA

## Grandes males Grandes remedios!

**SIPHILIS** Molestias de PELLE.—CHAGAS CANCE-  
ROSAS.—RHEUMATISMO SIPHILITICO.  
IMPUREZAS DE SANGUE

Curam-se rapidamente com

## DEPURATOL

o energico medicamento

(REGISTADO EM 34 PAIZES)

é o depurativo mais eficaz e poderoso, que não exclue dieta especial e que com poucos dias de tratamento faz sentir grandes melhoras.— Cada tubo de 30 pilulas 1950 réis; 6 tubos, 5830 réis. Pelo correto, porte gratis. DEPOSITO GERAL: Farmacia J. NOBRE, P. D. Pedro, 110. Lisboa — A' venda no Porto: Farmacia Dr. Moreno, Largo S. Domingos, 44.

# Medico DECIO FERREIRA

Tratamento e cura pelo **RADIUM** do cancro (Epiteliomas, sarcomas e carcinomas). Cancroides. Queioides e cicatrizes viciosas. Angiomas. Nevos vasculares e pigmentares. manchas de vinho. Tuberculose cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Pruridos, nevrodermites, acne, eczemas. Fibromas e hemorragias uterinas. metrites. Uretrites cronicas. Blenorragia e suas complicações. Manifestaçoes terciarias da sifilis, etc



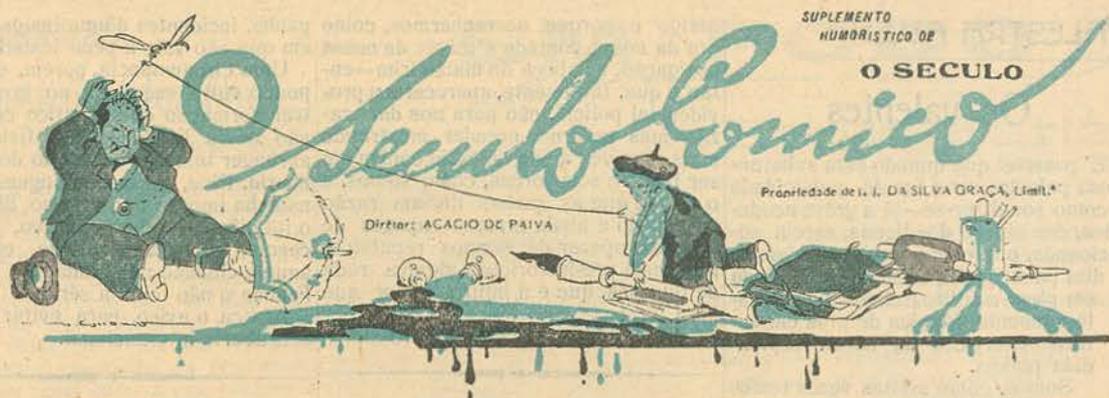
Antes



Depois

Raios X e electricidade na gota, reumatismo, coração, pele, nevralgias, paralisias, tumores, etc.

Consultorio: **Rua Garrett, 61, 1.º (Chiado)** — Telefone 2570, LISBOA

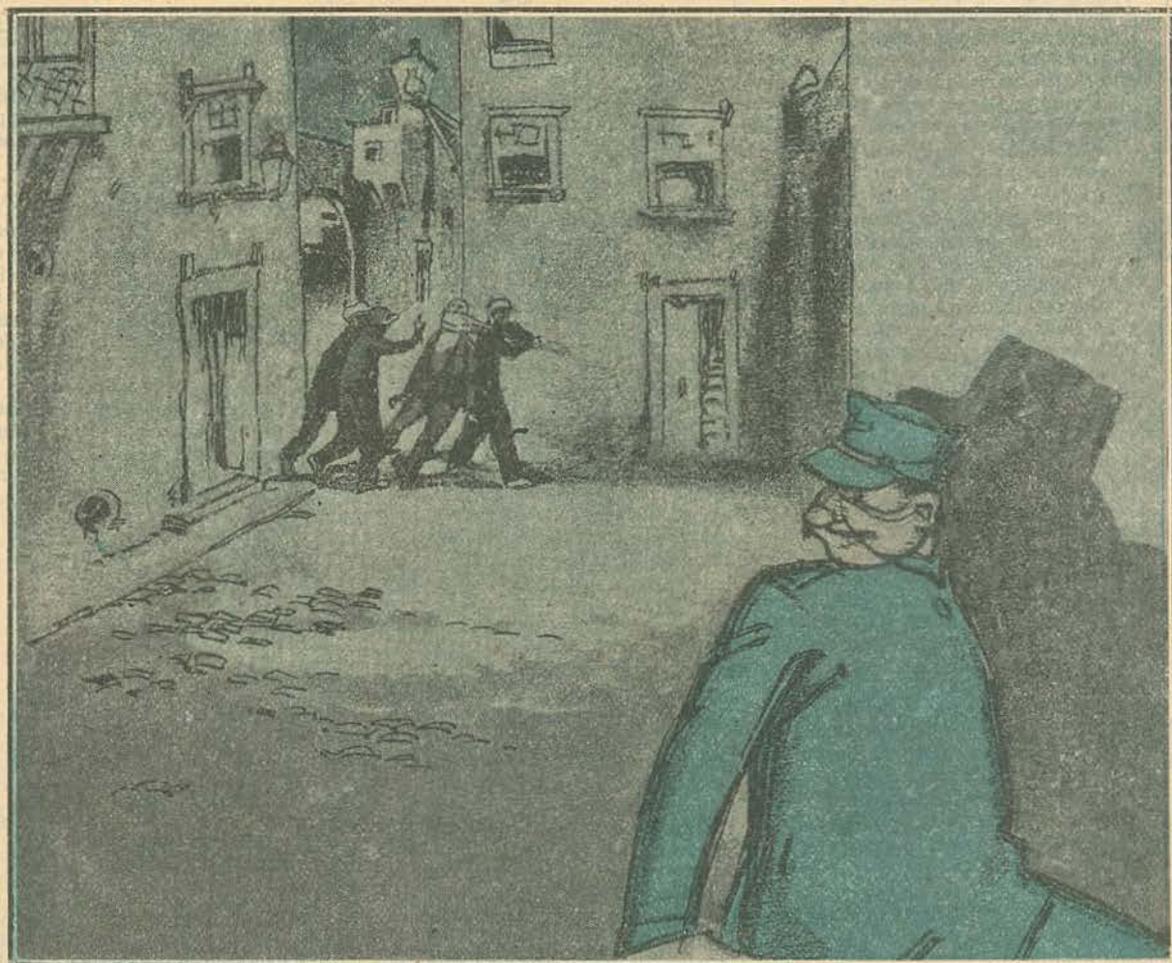


Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA

## O' noites de Lisboa, o' noites de poesia!

«A noite passada foi atacado na rua...  
o sr. F... por um bando de apaches».  
(De todos os jornaes, de todos os dias)



— O' da guarda!

O DA GUARDA:

— Não posso agora lá ir, que estou com muita pressa!

## PALESTRA AMENA

## Os valentes

E' possivel que quando esta substanciosa palestra vir a luz da publicidade — como soe dizer-se — já a grêve academica, dos alunos dos liceus, esteja soluconada, o que do coração desejamos. A dita palestra é, porém, escrita ainda em pleno conflito e chegam-nos neste momento noticias de atos em extremo energicos da nossa esplendida policia.

Somos, como muitas vezes temos provado, pessoa de bom senso e como tal queremos que a policia seja respeitada, assim como todas as autoridades. Nada nos contraria mais — a não ser, talvez, umas malditas frieiras de que estamos sofrendo — do que assistir ao frequente espetáculo das turbas a gritarem «larga o preso», quando não a tirarem o preso das mãos do guarda, que ainda se dá por satisfeito quando não leva uma sova ainda por cima, em obediencia áquele aforismo afacinha que dizia que «a policia era para levar, a guarda municipal para dar e levar e a tropa de linha para dar.»

No entanto, não nos repugna menos a *valentia* da policia dadas certas circunstancias, por exemplo quando é absolutamente desnecessaria a intervenção do sabre ou do murro, e é assim que sentimos calafrios ha pouco quando lemos que um guarda quiz agredir alunas do liceu Maria Pia e outros prenderam um estudante de quatro palmos de altura.

Quaisquer que fossem os crimes dos pequenos a agressão não nos parecia indispensavel, e quanto á prisão do academico, aparatosa por sinal, vê-se que foi tão arbitraria que no governo civil o soltaram imediatamente, de onde se pôde depreender que onde a policia mais falta faz é que não aparece, e onde a sua ausencia seria muito de desejar é que ela se apresenta, manifestando uma força e um mau genio deveras mal empregados.

A proposito, contemos um facto presenciado por estes olhos que a terra ha de comer, no caso de alguma grêve de empregados municipais não impedir a voracidade dos vermes, como ha pouco aconteceu, deixando-nos insepultos:

Dobravamos a esquina da rua do Almada para o Chiado, quando vimos um cavalheiro levemente embriagado dar um safanão n'uma senhora, que descia a rua. A senhora foi de encontro á parede e n'esse momento o bebedor... cuspiu-lhe, afastando-se em seguida, com uma gargalhada, sem que a mais simples bengala de transeunte se lhe tivesse quebrado nas porcas das costelas.

A senhora ficou a limpar-se e nós seguimos Chiado acima, com remorsos de não termos cumprido o nosso dever e entregando-nos a locubraciones estereis sobre o serviço policial.

— E porque não interveio você, seu burro? perguntará o leitor indignado. Porque somos macaco velho, leitor

amigo e porque, ao racharmos, como era da nossa vontade e talvez da nossa obrigação, a cabeça do malandrim — então é que, fatalmente, appareceria a providencial policia, não para nos dar razão mas para nos prender, mostrando mais uma vez a sua valentia contra um ser fraco e sem forças, como somos, e o peor é que as turbas dariam razão ao bebedor e ainda eramos capazes de apanhar, apesar de sermos republicanos quasi pre-historicos, alguma roda de talassas, que é a injuria maior que ha. Livra!

J. Neutral.

## Pina, o propagandista

E' sabido que o nosso Augusto Pina, em vista das suas aptidões para cenografo, estava naturalmente indicado para dirigir uma publicação ilustrada, com o fim de fazer propaganda patriótica portuguesa.

Más linguas da nossa terra disseram logo em principio que o governo



fazia bota em encarregar Augusto Pina de tal missão. Como é da praxe, o governo não fez caso da observação e teve muito gosto em meter na algibeira do nosso Pina alguns milhares de escudos.

— Para a propaganda? pergunta o leitor...

Já se vê que sim; para a propaganda pelo facto, que consistia em transformar Augusto Pina n'um bom exemplar de portuguez, porque a sua figura chupada, ossuda e verde-negra era, por assim dizer, uma vergonha para a patria que o deu á luz e o que se desejava era mandar passear por Paris um portuguez de encher o olho, expôr na capital do mundo civilisado um portuguez *comme il faut*.

Eis a razão por que se procurou preencher os vasilhos de Pina com adipsidades convenientes, dando-lhe uma elegancia que reflectisse o lustre nacional.

A revista era um pretexto, apenas — para não se dizer que se sustentava uma pessoa sem occupação, e de aí os inglezes suporem que o sr. dr. Bernardino é Braz e que Lisboa fica em Hes-

panha, incidentes d'uma insignificancia em que não vale a pena insistir.

Uma circunstancia, porém, e não de pouco vulto, esqueceu ao governo: a transformação do simpatico cenografo não devia limitar-se ao fisico, mas abranger tambem o apellido de sua senhoria. Pina, em certas linguas, é um nadinha imoral: não vem no dicionario o infinito do verbo respectivo, por decencia, mas creiam que enquanto aquele cidadão não mudar de nome a França o não toma a sério.

Aí fica o aviso, para evitar alguma sensaboria internacional.

## Uma grande verdade

Uma grande verdade é a seguinte, escrita um dia destes pelo nosso querido doutor Amilcar de Sousa: «Quem cura é a Natureza».

Pois é. E agora, se os seus doentes lhe não pagarem a visita, com o pretexto de que não foi sua excelencia que os curou mas sim a Natureza, queixe-se á sua avó.

## No lixo

Terminou, infelizmente, a grêve dos empregados da Camara Municipal, não nos dando tempo para medir com exactidão a resistencia do lisboeta á porcaria.

Sabe-se que o lisboeta vive no lixo como o peixe n'agua, consolando-se infinitamente com os aromas e mais partes dos restos de peixe podre, das tripas de galinhas, das baratas mortas, dos presentes de gato e outras delicias que encham as escadas dos predios da capital ou aboboram durante semanas inteiras á porta da rua. O que, porém, ainda se não conhece é quanto tempo pode durar um ente habituado a esse meio.

Julgámos que d'esta vez o problema ficaria resolvido, mas a vereação



que foi desmancha-prazeres até o fim do seu mandato, nunca pôde vêr uma camisa suja a ninguém, e zás! fez a vontade aos seus empregados.

Esperemos para nova grêve, que certamente se não fará esperar, rogado aos srs. alfacinhas a fineza de não tomarem banho de aqui até então, para se não habituarem mal. Se lavam, estragam.

## TEATRADAS

## Carta do "Jerolmo"

Zefa d'um anjo.

Intão u Almeida Crus já casou com a caxopinha que estava na Figueira, in casa da mãe d'ele? Fica çabendo caquilo de ele istar a viver com a Palmira Bastos já a cabou grassas a deus i ó çacreficio que ela fez uma noite d'estas nu triato Avenida, resolvendo largalo defnetivamente pra nan impatar a prove caxopinha da pruvinsa a quem ele tinha dado a çua palavra de casamento.

Mas porem todavía a coisa nan ce fês in duas palavra: i cem munta desafinassão; levou nada menos de 3 atos duma pessa xamada Rusita, que a al-cunha ca Palmira tem agora, levou 3 tuáletes d'alto lá cum u xaruto, prá impreza pagar cum lingoa de palmo i levou, infim, uma múseca touda paxeca, que deu um trabalhão a fazer purque foi per-izo andar a tirála aqui i ali, de zruzelas, de upretas, do diabo!

Tamem u noço Crus ce cuntinúa, nan ce adonês iria parar cum as inzigiencias da cidadôa! Imagina que ela agora vai prá ortas vestida touda de çeda, cum



culares de pérulas ó pescosso, é de setra, é de setra! Foi melhor acim pró rapaz, imhora a ceparassão nan ce fizesse cem larguimas, nu meio de muntas xalaças do sr. Ruquete i do sr. Faria, que foram os adevugados do divorsio; aquillo é aitreinado, larguima e riso, pró çacrefissio nan custar tanto a ingulir ós çacreficados, que ção perin-sipalmente us ispêtaores. Dessa manêra a jente nan aciste de toudo triste á desgrassia, que cem u tempêro das xalas as era um interro de prumeira classia purque rialmente a parte cintimental i dramátiga inté xega ó tutano duma peçoar: çó aquella du Zé Ricardo gastar 19 testôes in meias de petis pra ver ce tem grassa é de fazer xurar u pórprio Sésar da Roxa, que istá sempre a rir.

Cum isto nan te infado mais, treminando cum a notissia ca Telvininha istá de casa i pucarinho cum u Xico das pegas, brabêro na enátividade i gvestiva, que é a purfissão mais rendosa cá de Lisboa.

Adeus inté quando deus i o cinhor afoço Costa quiserem i arresebe u curassão sódoso du teu ispouso i fiel democratico.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama de Péras-Ruivas

## EM FOCO

## Bento Faria



*Tendo o nosso Roquette eu já cantado Com respeito á primeira da «Rosita», Era coisa muitissimo exquisita Deixar no obvido o Bento, autor do «Fado».*

*Ambos são responsaveis no pecado, Ambos vão ter a formidavel dita De vêr sua figura aqui descrita, Na gloria entrando os dois de braço dado.*

*Agora, já que estão de mãos na massa, E' fazer outra peça n'um momento Embora, em parte, a de hoje satisfaça;*

*Não lhes falta laracha nem talento; Venha outra a vapor, mas só com graça, E mandem ao diabo o sentimento!*

BELMIRO.

## O roubo no mercado do peixe

Lembram-se? Alguns cidadãos engenhosos fabricavam senhas que vendiam, como se fossem autenticas, isto é, da autoria da Camara Municipal, aos peixeiros, para estes terem o direito de exporem a mercadoria em determinado espaço de terreno.

Pois agora já consta que os principaes culpados são, afinal, não as pessoas de principio apontadas, mas os patifes dos peixes, que assim iam fazendo o seu negocio, explicando-se que algum tenha passado pela malha, por ser mais vivo que os colegas.

E' claro que, como de costume, não serão incomodadas as pescadas do alto.

## Os bailes russos

Ha muito que não se fazem tão mirabolantes reclames em jornaes e cartazes, como os que teem aparecido a proposito dos bailados russos no Coliseu.

Parece-nos, entretanto, desnecessaria a despesa—que não deve ter sido pequena—no actual momento.

Todes sabem que hoje não ha ninguém que, em questão de dança, ponha o pé adiante aos russos. E são na corda bamba!

## Explicação

Como hão-de ter visto o nosso illustre colaborador Jerolmo, de Peras Ruivas, ficou intrigadissimo com dois factos, na representação da peça *Marianela*: o modo como o medico restituiu a vista ao Robles Monteiro e a causa da morte da pequena.

Escreve-nos um observador pondo tudo em pratos limpos: a Marianela morreu por se lhe ter esfriado repentinamente o ceu da boca, e o Robles

Monteiro recuperou a vista porque lhe fizeram aos olhos a operação da ovariectomia.

Pronto.

## Qual é o maior actor?

Um semanario teatral pergunta aos seus leitores qual será o maior ator, tencionando depois de apurados os votos, dar ao eleito não sabemos que premio.

Muito desejaríamos tambem votar, com a autoridade que todos nos conhecem, mas estamos indecisos porque a pergunta não é sufficientemente explicita. «Qual é o maior actor», em que sentido?

Referindo-se, por exemplo, ás orelhas—o ator que as tem maiores é o Luiz Pinto, se alude aos pés, os de maior vulto são, parece-nos, os do Pato Moniz; o de maior nariz é... é um cujo nome occultamos porque ele não gosta nada que lhe falem na penca, tal como acontecia ao Cyrano.

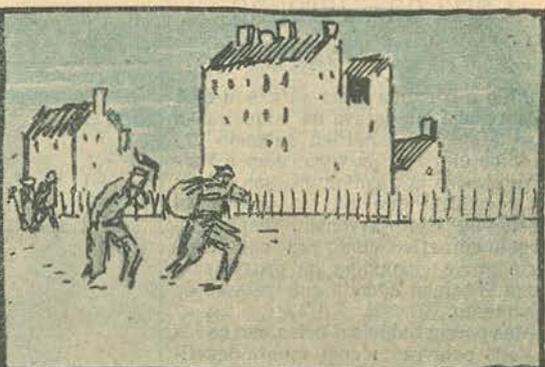


Emfim, o provavel é a pergunta dizer respeito ás tres dimensões de todos os volumes, comprimento, largura e profundidade, e assim temos que: o de maior cumprimento é o João Lopes;

o de maior largura é o Chaby; o de maior profundidade é o Rafael Marques—moralmente falando, por interpretar Jesus Cristo.

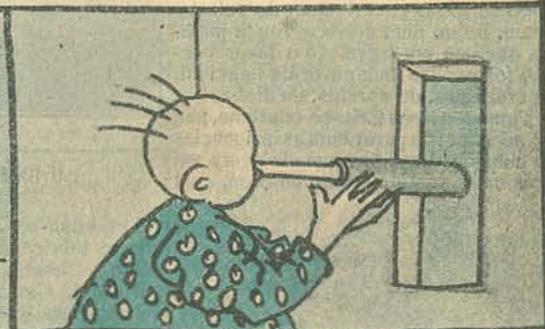
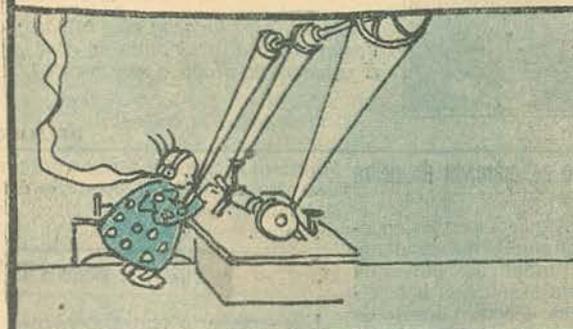
# MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

15.<sup>a</sup> Parte — 1.<sup>o</sup> Episódio A QUADRILHA EM PANCAS — (Continuação)



1.—A quadrilha do *Olho Vivo* resolveu atacar a fabrica onde o Manecas se encontra.

2.—Os salteadores encaminham-se para o local, com pés de lã, em vista do frio que tem feito.



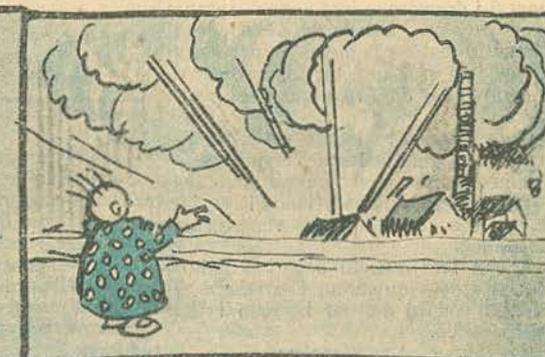
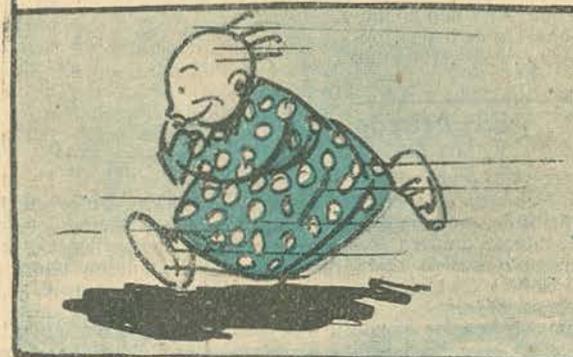
3.—Entretanto o Manecas, que não larga o celebre microfone da sua invenção, o qual em Faro daria sinal dos passos d'uma formiga em Melgaço, e vice-versa.

4.—ouve o ruido da lã dos pés e vai vêr o que se passa, pelo seu notabilissimo oculo, com o qual de Melgaço se avistaria um mosquito em Faro — vice-versa egualmente.



5.—Vê claramente que os bandidos escalam o muro da fabrica, mais agéis do que os Puertollanos.

6.—e logo põe em comunicação com o deposito de explosivos o seu assombroso relógio electrico.



7.—Em seguida safá-se, dando cebo ás suas velocissimas botas de 30.000 quilometros á hora.

8.—De af a momentos a fabrica ia pelos ares, com zentos milhões de raios!

(CONTINUA).